

## Percepção discente sobre o uso pedagógico de imagens no ensino da relação sociedade e ambiente

### Students' perception of the pedagogical use of images in teaching the society–environment relationship

### Perception des élèves sur l'utilisation pédagogique des images dans l'enseignement de la relation société-environnement

Tamiris Batista Diniz<sup>1</sup>

Guilherme Preto Guimarães<sup>2</sup>

Ana Luísa Lima Silvestre da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa analisou como estudantes do 2º ano do Ensino Médio (CEFET-RJ) percebem o uso de imagens em aulas de Geografia. O método incluiu pesquisa bibliográfica, aulas sobre transformações da paisagem e um questionário. Os resultados são expressivos: 97,5% dos alunos consideram que as imagens tornam as aulas mais interessantes e dinâmicas, enquanto 77,5% afirmam que elas facilitam a compreensão dos conteúdos. Mapas, fotografias e vídeos foram os recursos visuais mais valorizados. O estudo conclui que o uso de imagens, com adequada mediação pedagógica, promove o letramento visual e aproxima o conhecimento científico da experiência do aluno, favorecendo uma leitura crítica e contextualizada da paisagem e da dinâmica socioambiental.

**Palavras-chave:** Paisagem; Uso pedagógico de imagens; Ensino de geografia.

**Abstract:** This research analyzed how 2nd-year high school students (CEFET-RJ) perceive the use of images in Geography classes. The methodology included bibliographic research, lessons on landscape transformations, and a questionnaire. The results are significant: 97.5% of students consider that images make classes more interesting and dynamic, while 77.5% state that they facilitate understanding of the content. Maps, photographs, and videos were the most valued visual resources. The study concludes that the use of images, with adequate pedagogical mediation, promotes visual literacy and bridges scientific knowledge with student experience, fostering a critical and contextualized reading of the landscape and socio-environmental dynamics.

**Keywords:** Landscape; Pedagogical use of images; Geography teaching.

**Résumé:** Cette recherche a analysé comment des élèves de Seconde (CEFET-RJ) perçoivent l'utilisation d'images dans les cours de Géographie. La méthodologie a inclus une recherche bibliographique, des leçons sur les transformations du paysage et un questionnaire. Les résultats sont significatifs: 97,5 % des élèves considèrent que les images rendent les cours plus intéressants et dynamiques, tandis que 77,5 % affirment qu'elles facilitent la compréhension des contenus. Les cartes, photographies et vidéos ont été les ressources visuelles les plus valorisées. L'étude conclut que l'usage d'images, avec une médiation pédagogique adéquate, favorise la littératie visuelle et rapproche le savoir scientifique de l'expérience de l'élève, permettant une lecture critique et contextualisée du paysage et des dynamiques socio-environnementales.

**Mots-clés:** Paysage; Utilisation pédagogique des images; Enseignement de la géographie.

<sup>1</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ)

<sup>2</sup> Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

## Introdução

A relação do homem com a natureza ocorre de forma progressiva e dinâmica, de modo que a natureza vai incorporando a ação do homem e dele adquirindo distintas feições relacionadas a um determinado momento histórico (Santos, 1991). Freitas (2014) destaca que as ações antrópicas sobre o meio natural não decorrem apenas de necessidades vitais, mas são conduzidas por escolhas e determinações construídas culturalmente ao longo do tempo. Ou seja, nossa formação psicológica, filosófica, religiosa, econômica, enfim, tudo aquilo que está na base da nossa civilização influencia nosso olhar e ações sobre a natureza.

Nesse contexto, Ross (2017) afirma que o homem, enquanto ser social, intervém nos ambientes naturais criando novas situações ao construir e reordenar os espaços físicos com a implantação de cidades, atividades agrícolas, estradas, retificações de canais fluviais, instalações de barragens, entre outras. Essas transformações alteram o equilíbrio de uma natureza que não é estática, mas que tende a apresentar um dinamismo harmonioso em evolução estável e contínua, quando não submetida às interferências humanas.

O ser humano atua sobre o meio ambiente desde os primórdios, mas as formas e intensidades dessa intervenção variam conforme o contexto histórico. No Brasil, estas intervenções são anteriores à colonização, quando os povos originários derrubavam a mata e praticavam a queimada para atender às suas atividades de subsistência. A partir da colonização portuguesa, as relações são estabelecidas com base na perspectiva da exploração dos recursos naturais, de caráter predatório, cujas atividades visavam atender o mercado externo, a ocupação passou a se caracterizar por intervenções intensas e relevantes. Com a economia baseada no fornecimento de matérias-primas às economias dominantes, tem-se no Brasil uma série de ciclos: pau-brasil, cana-de-açúcar, ouro, algodão, café, borracha e industrialização. As primeiras indústrias brasileiras se concentraram na região Sudeste, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, consolidando um padrão de desenvolvimento que intensificou tanto a industrialização quanto a urbanização. A partir desse período, a industrialização e a urbanização se tornaram as formas de uso que mais impõem alterações nas paisagens, na medida em que crescem e se expandem de maneira acelerada (Almeida; Freitas, 1996).

O termo paisagem abrange uma pluralidade de interpretações. Durante o processo de ocupação de um território, estabelecem-se diversas relações entre a paisagem e os processos produtivos, visto que, à medida que o trabalho humano torna-se mais complexo, são exigidas alterações espaciais

correspondentes às inovações em curso. No entanto, a paisagem não revela apenas as relações entre a produção e a estrutura da sociedade, mas também o imaginário social, as crenças, os valores e os sentimentos das pessoas que a constroem. Assim, a paisagem deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais (Santos, 1996, p. 138).

A paisagem é uma fração do espaço ao alcance da nossa vista, uma vez que, segundo Santos (1996), a paisagem pode ser compreendida como o conjunto de formas resultantes das interações históricas entre sociedade e natureza, enquanto o espaço corresponde a essas formas mais a vida que as anima. “As formas espaciais são produto de intervenções teleológicas, materializações de projetos elaborados por sujeitos históricos e sociais” (Moraes, 2005, p. 16).

Cosgrove (1985) argumenta que a paisagem, na geografia humana, está fortemente associada à cultura, pois expressa formas visíveis que compõem a superfície terrestre. Para o autor, trata-se de uma maneira de ver e organizar o mundo externo em uma cena, ideia que remonta ao Renascimento, quando se consolidou uma nova forma de relação entre os seres humanos e o ambiente. Nesse sentido, se a paisagem é uma “maneira de ver”, de compor e harmonizar o mundo com o externo em uma unidade visual (“cena”), então sua interpretação é influenciada pela perspectiva do observador que a compreende a partir da decodificação de seu significado cultural e simbólico. Os seus aspectos culturais precisam ser ativamente reproduzidos para continuar a ter significado, logo as paisagens são dinâmicas, estão sempre em processo de construção, nunca estão finalizadas ou estáticas.

De acordo com Tuan (1980), a superfície terrestre é extremamente variada e são diversas as maneiras com que as pessoas a percebem e avaliam, logo duas pessoas não veem a mesma realidade e nem dois grupos sociais fazem a mesma avaliação de um ambiente. No entanto, por mais que a visão do ambiente seja feita de diversas formas, as pessoas por serem da mesma espécie, limitam-se a ver a realidade de uma determinada maneira. Dessa forma, todos os seres humanos em virtude de possuírem órgãos similares, acabam compartilhando percepções comuns, um mundo comum.

A percepção da paisagem consiste em analisar os diferentes tipos de paisagens e compreender a realidade ambiental que caracteriza cada lugar. A percepção se dá conforme a personalidade de cada observador e sua capacidade de interpretação, que ocorre através dos cinco sentidos (audição, olfato, paladar, tato e visão), os quais irão detectar estímulos que definirão o processo de estruturação e a possibilidade de reestruturação de conceitos e atitudes (Cardozo; Pasquale, 2013, p. 04).

“Como a ciência mostra 75% da percepção humana é visual. Depois vem a percepção auditiva (20%), enquanto outras modalidades somam juntas apenas 5% de nossa capacidade de perceber o mundo que nos cerca” (Brasil, 2005 *apud* Rodrigues, 2007, p. 68). Assim, é através dos cinco sentidos que o ser humano consegue perceber o mundo e a percepção é uma atividade que depende dos nossos objetivos e de nossa cultura. Essa dimensão integradora é fundamental para o ensino de Geografia, pois permite que os estudantes percebam a paisagem como resultado da interação histórica entre sociedade e meio ambiente. Ao articular dimensões materiais e simbólicas, a paisagem torna-se um bom recurso para compreender a dinâmica socioambiental e, sobretudo, para aproximar o conhecimento científico da experiência cotidiana dos estudantes.

Nesse sentido, no âmbito educacional, principalmente no ensino sobre as características do espaço urbano e rural, as imagens desempenham um papel essencial no processo de ensino-aprendizagem, pois são ferramentas pedagógicas que envolvem não apenas a dimensão cognitiva, mas também a sensorial e afetiva, na medida em que a percepção da paisagem é mediada pelos sentidos e pela cultura. Ao olhar uma fotografia do seu bairro ou analisar um mapa de seu território, o estudante reconhece elementos do seu próprio cotidiano, assim, o uso de recursos imagéticos contribui para a compreensão da relação sociedade e meio ambiente, estabelecendo pontes entre o conhecimento científico e a experiência vivida.

A investigação situa-se no contexto das discussões sobre múltiplas linguagens na educação básica, particularmente relevantes em um cenário de cultura digital. Este trabalho tem como objetivo analisar como estudantes do 2º ano do Ensino Médio percebem o uso de imagens nas aulas de Geografia, particularmente nos conteúdos relacionados ao espaço urbano e rural. Parte-se da hipótese de que a utilização de diferentes tipos de imagens, ao articular dimensões cognitivas, sensoriais e culturais na percepção da paisagem, favorece uma aprendizagem mais crítica e próxima da realidade vivida pelos estudantes. Alinhando-se às discussões contemporâneas sobre múltiplas linguagens na educação, este estudo busca contribuir para o diálogo em torno de práticas pedagógicas que integram recursos visuais, dos mais tradicionais aos digitais, como ferramentas essenciais para a formação discente na Educação Básica.

## Revisão de literatura

A imagem sempre foi um dos principais meios de comunicação na história da humanidade, ainda que por longos períodos tenha sido secundarizada em relação à escrita. Porém, atualmente, esse recurso adquiriu grande destaque, sobretudo com o advento da internet e a difusão da comunicação em escala global, devido à a hipermediação, que se trata da combinação da informação em suas múltiplas dimensões: texto, imagem e áudio (Rodrigues, 2007).

Fernandes e Almeida (2008, p. 11) explicam que “as imagens produzem e reproduzem relações sociais, comunicam fatos, divulgam eventos e interagem com seus leitores com a força semelhante à de um texto formado por palavras”. Além da dimensão comunicacional, as imagens também podem ser analisadas sob uma perspectiva discursiva, pois, de acordo com Silva *et al.* (2006, p. 221), “os sentidos são produzidos sob determinadas condições que abarcam o texto/a imagem, o sujeito e o contexto. Nesse sentido, a imagem não é concebida como transmissora de informação, mas parte de um processo mais amplo de produção/reprodução de sentidos”.

Nesse contexto, no âmbito educacional, é necessário entender a realidade dos estudantes que se encontram imersos em culturas visuais diversas, especialmente por meio das mídias digitais. Dessa forma, desenvolver o letramento visual torna-se imprescindível, que, segundo Carvalho e Aragão (2015, p. 17) “envolve o desenvolvimento de um conjunto de habilidades necessárias para se interpretar os conteúdos visuais das imagens, avaliar seus aspectos sociais, seus propósitos, suas audiências e suas autorias”. O letramento visual, assim, não se restringe ao reconhecimento de figuras, mas abrange a análise crítica e simbólica do que é visto, considerando os contextos históricos, sociais e culturais. Essa demanda por letramento visual é intensificada pela cultura digital, que submerge os jovens em um fluxo contínuo de imagens e informações visuais.

Essa perspectiva é importante, pois segundo Libâneo (2005, p. 30), “as funções mentais superiores (linguagem, atenção voluntária, memória, abstração, percepção, capacidade de comparar, diferenciar etc.) são ações interiorizadas de algo socialmente mediado, a partir da cultura constituída”. Assim, as imagens, enquanto construções culturais, permitem a representação visual de aspectos e fenômenos do mundo, inserindo-se, portanto, no campo do simbólico, da imaginação, do pensamento e da elaboração conceitual. Dessa forma, constituem-se como importantes instrumentos para a ciência, em especial para a

Geografia. Compreendemos que, enquanto artefatos culturais, que são produzidas pelos sujeitos ou por outros, as imagens participam ativamente dos processos cognitivos. Embora não se configurem como os únicos recursos necessários na educação escolar, atuam como signos interiores capazes de potencializar a aprendizagem. Nesse sentido, é possível afirmar que os meios visuais assumem, no contexto escolar, a função de mediação simbólica (Pires; Cavalcanti, 2020).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) reconhece a importância de múltiplas linguagens no processo educativo, incluindo a linguagem visual, indicando nas competências específicas da Geografia, que os estudantes devem analisar diferentes representações gráficas e visuais, como mapas, fotografias, imagens de satélite, gráficos e croquis, para compreender os fenômenos geográficos. Isso evidencia papel da imagem como ferramenta que articula o raciocínio espacial com a realidade dos alunos, atribuindo novos sentidos ao contexto em que vivem. Fotografias, mapas, charges e imagens de satélite tornam-se instrumentos que não apenas ilustram conteúdos, mas instigam a reflexão crítica sobre as transformações socioespaciais.

Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganham significado a medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e por isso, convictos das nossas diferenças (Brasil, 2017, p. 359).

De acordo com a concepção sociointeracionista, o ensino de Geografia deve articular teoria e prática, valorizando as experiências e os conhecimentos prévios dos estudantes, ao mesmo tempo em que propõe desafios que estimulem o debate e favoreçam a construção de conceitos e práticas geográficas significativas. Nesse processo, a Geografia assume o papel de alfabetizar espacialmente o aluno em diferentes escalas e configurações, possibilitando a leitura crítica das imagens presentes no cotidiano, impressas e expressas na paisagem e em suas representações (Lima; Girão, 2013).

## Metodologia

Este trabalho tem como base o método quali-quantitativo. Inicialmente, foi realizado o levantamento bibliográfico para a compreensão dos principais conceitos que fundamentam a pesquisa. Para tanto, realizou-se buscas em sites dos principais indexadores de revistas científicas, tais como Google Acadêmico e Scielo, utilizando os seguintes descritores: paisagem, espaço urbano e rural, relação sociedade e meio ambiente, uso pedagógico de imagens e ensino de Geografia.

Na segunda etapa foram ministradas aulas de Geografia ao longo de dois trimestres, em que os conteúdos trabalhados foram: Geografia da Indústria (Fatores locacionais e espacialização da produção industrial); Geografia urbana (Espaço urbano, processos de urbanização, rede urbana e organização interna das cidades); e Geografia Agrária (Caracterização dos sistemas agrícolas do mundo, modernização da agricultura e suas consequências econômicas, sociais, fundiárias e ambientais). Esses temas foram escolhidos para a análise, pois todos eles abordam sobre as transformações da paisagem a partir da relação sociedade e meio ambiente.

Em seguida, com o intuito de entender as percepções dos estudantes sobre os recursos visuais empregados nas aulas de Geografia do 2º ano do Ensino Médio Integrado aos cursos de Administração e Eletrotécnica do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), foi aplicado um questionário semiestruturado a 40 estudantes, na faixa etária de 15 a 18 anos, ao final do 2º trimestre de 2025.

O instrumento contou com questões de múltipla escolha e abertas, contemplando aspectos como: contribuição das imagens para tornar as aulas mais atrativas; relação entre recursos visuais e compreensão dos conteúdos; vínculo entre imagens e cotidiano dos estudantes; além das preferências quanto aos tipos de imagens utilizados em sala (mapas, fotografias, imagens de satélite, charges e vídeos). O questionário também solicitou aos participantes que expressassem, em uma frase, sua opinião sobre a importância do uso de imagens no processo de ensino-aprendizagem. Após a coleta de dados foi feita a elaboração de gráficos utilizando o Google Planilhas, a análise e discussão com base no referencial bibliográfico, indicando os resultados obtidos.

## Resultados e discussões

A primeira pergunta do questionário aplicado aos estudantes aborda sobre a atratividade das imagens (fotos, mapas, imagens de satélite, charges, vídeos), com o intuito de avaliar se as imagens tornam as aulas mais dinâmicas e engajantes. O Gráfico 1 apresenta as respostas, em que a grande maioria (97,5%) dos respondentes relataram que o uso de imagens deixa as aulas de Geografia mais interessante, mais dinâmica, mais divertida e que é bom para comparar as características de diferentes áreas por meio desse recurso visual. Também afirmaram que as imagens chamam mais a atenção e contextualizam e materializam melhor os conteúdos. Porém dependendo da imagem, as aulas se tornam menos interessantes, por exemplo ao passar um vídeo, pode ser que deixe o estudante com sono.

**Gráfico 1:** Você acha que trabalhar com imagens deixa a aula de Geografia mais interessante ou menos interessante?



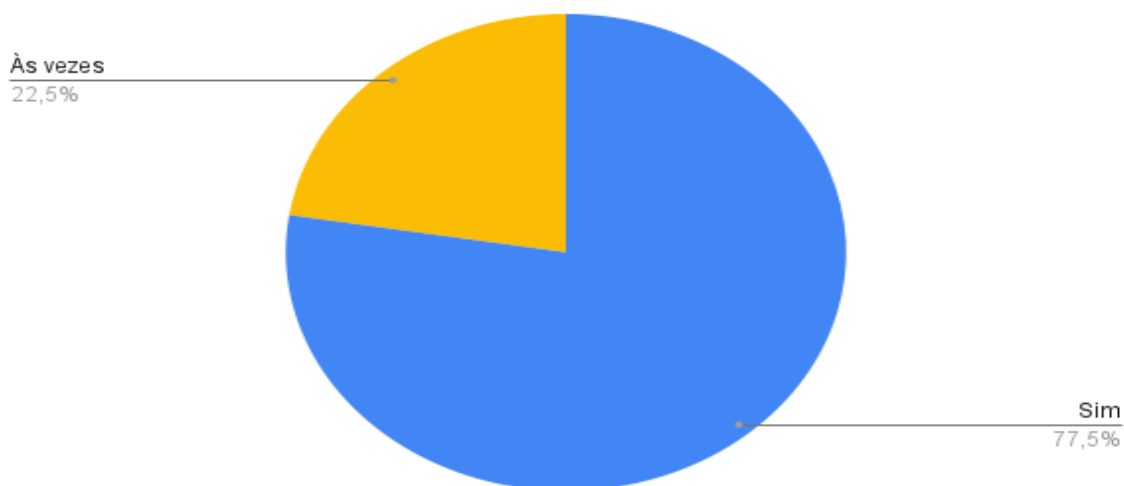
Fonte: Os autores (2025).

A segunda pergunta busca verificar a percepção dos alunos sobre a contribuição das imagens para a aprendizagem. O Gráfico 2 mostra que 77,5% dos estudantes relataram que com o uso de imagens nas aulas de Geografia fica mais fácil entender os conteúdos, abordando que estimulam a memória visual deles, que mostram exemplos do conteúdo, fazendo com que fique seja possível relacioná-los com a realidade. Já 22,5% dos respondentes acham que só as vezes o uso desse recurso auxilia. Foi relatado que um ponto de vista

negativo do uso de imagem nas aulas é que quando impressas, as vezes, a qualidade delas fica ruim, prejudicando a análise.

**Gráfico 2:** Quando são utilizadas imagens na aula, fica mais fácil entender os conteúdos?

**Quando são utilizadas imagens na aula, fica mais fácil entender os conteúdos?**

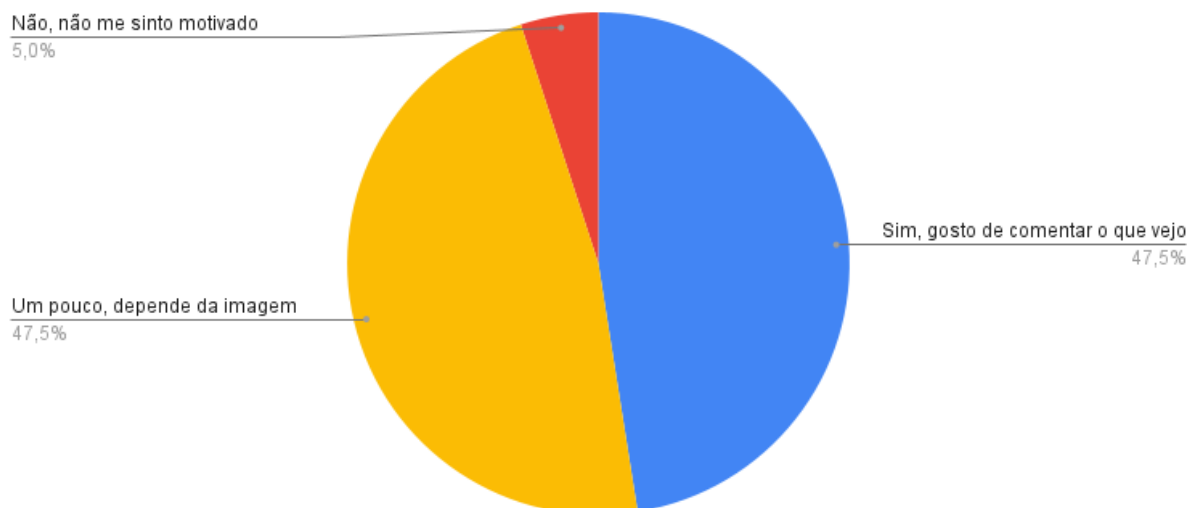


Fonte: Os autores (2025).

A terceira pergunta analisa se os recursos visuais estimulam maior interação em sala de aula. O Gráfico 3 apresenta que 47,5% dos estudantes participam mais da aula quando são utilizadas imagens, comentando o que veem, 47,5% relatam que participam um pouco, dependendo da imagem, e 5% se sentem motivados com o uso desse recurso visual.

**Gráfico 3:** Você sente que participa mais da aula quando são usadas imagens?

**Você sente que participa mais da aula quando são usadas imagens?**



Fonte: Os autores (2025).

A quarta pergunta trata da relação das imagens trabalhadas nas aulas com o cotidiano dos alunos, para assim entender se os recursos visuais aproximam o conhecimento científico da realidade vivida por eles. O Gráfico 4 mostra que 47,5% dos estudantes afirmam que sim, 45%, um pouco e 7,5% não conseguem estabelecer essa relação, pois acreditam que se trata de uma realidade distante. Alguns alunos relataram que conseguem relacionar as imagens com o seu cotidiano principalmente quando se apresenta imagens de favelas.

**Gráfico 4:** As imagens mostradas em aula te ajudam a relacionar o conteúdo com o seu dia a dia ou com o lugar onde vive?



Fonte: Os autores (2025).

A quinta pergunta identifica os recursos visuais mais atrativos e eficazes segundo os estudantes. A partir do Gráfico 5 pode-se observar que os mapas (17) e as fotografias de paisagens (16) se destacam como os mais apreciados, sinalizando que os alunos valorizam materiais que os ajudam a visualizar e compreender melhor o espaço geográfico e os fenômenos da natureza. Em seguida, os vídeos e documentários (14) aparecem com forte relevância, mostrando que o dinamismo e a narrativa audiovisual exercem grande atratividade, tornando as aulas mais envolventes e próximas do cotidiano dos estudantes.

As charges e tirinhas (12) também receberam uma boa aceitação, o que demonstra o interesse dos alunos por recursos que unem linguagem crítica e humor, contribuindo para reflexões de forma leve e acessível. Já as imagens de satélite (9) e, especialmente, os gráficos (3) tiveram menor destaque, o que pode estar relacionado à complexidade de interpretação ou

ao fato de exigirem maior mediação pedagógica para que os estudantes consigam extrair sentido e aplicar esses recursos na aprendizagem.

**Gráfico 5:** Quais tipos de imagens você mais gosta que sejam utilizadas em aula?



Fonte: Os autores (2025).

Assim, a análise da percepção discente sobre o uso de imagens no entendimento sobre a relação entre sociedade e ambiente nas aulas de Geografia aponta que o uso diversificado de linguagens visuais exerce um papel decisivo no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para tornar as aulas mais atrativas, compreensíveis e conectadas ao cotidiano dos estudantes. A ampla aceitação desse recurso mostra que, quando bem selecionadas e contextualizadas, as imagens despertam interesse, estimulam a participação e favorecem a construção de vínculos entre o conhecimento científico e a realidade dos alunos. A valorização de diferentes suportes visuais reforça a importância de se trabalhar com múltiplas linguagens na educação, articulando recursos tradicionais e tecnologias digitais.

### **Considerações finais**

O uso pedagógico de imagens nas aulas de Geografia é percebido pelos estudantes do 2º ano do Ensino Médio do CEFET-RJ como um recurso que tornam as aulas mais dinâmicas e atrativas. A quase totalidade dos discentes (97,5%) reconhece que as imagens aumentam o interesse pelas aulas, enquanto 77,5% afirmam que facilitam a compreensão dos conteúdos,

especialmente por estabelecerem pontes entre o conhecimento científico e suas realidades cotidianas.

A diversidade de linguagens visuais mostrou-se essencial para estimular a percepção, a reflexão crítica e o envolvimento dos estudantes com as questões socioambientais. Nesse sentido, as imagens, ao atuarem como mediadoras simbólicas e cognitivas, consolidam-se como instrumentos fundamentais para a construção do conhecimento geográfico, pois promovem o diálogo entre teoria e prática, entre o espaço vivido e o espaço estudado. A articulação entre visualidade, cultura e experiência, fundamentada em autores como Cosgrove (1985) e Tuan (1980), revela-se potente para uma aprendizagem significativa e crítica.

### Referências

ALMEIDA, M. C. J.; FREITAS, C. G. L. Uso do solo urbano: suas relações com o meio físico e problemas decorrentes. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA GEOTÉCNICA. 2., 1996. **Anais [...]**. São Carlos: ABGE, 1996, p. 195-197.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 07 jan. 2026.

CARDOZO, S. B. A.; PASQUALI, I. S. R. Percepção da paisagem como ferramenta de sensibilização como auxilia à educação ambiental. *In*: SIMPÓSIO DE ESTUDOS URBANOS: AS DINÂMICAS DAS CIDADES E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO. 2. 2013. **Anais [...]**. Universidade Estadual do Paraná, Campos Mourão, 2013, p. 1-18.

CARVALHO, S. A.; ARAGAO, C. O. Os caminhos do letramento visual: uma análise de material didático virtual. **Revista de Estudos Anglo-Americanos**, v. 44, p. 9-34, 2015. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/reaa/article/view/1274>. Acesso em: 29 set. 2025.

COSGROVE, D. E. **Social formation and symbolic landscape**. London: Croom Helm, 1984.

FERNANDES, J. D. C.; ALMEIDA, D. B. L. Revisitando a gramática visual nos cartazes de guerra. *In*: ALMEIDA, D. B. L. (org.). **Perspectivas em análise visual**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008, p. 11-31.

FREITAS, I. A. História natural, história da natureza e história ambiental: três histórias sobre uma grande ideia. **Espaço e Cultura**, v. 35, p. 153-175, 2014.

LIBÂNEO, J. C. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na Educação. *In*: LIBÂNEO, J. C.; SANTOS, A. (org.). **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas: Alínea, 2005, p. 19-62.

LIMA, S. R.; GIRÃO, O. O ensino de geografia versus leitura de imagens: resgate e valorização da disciplina pela “alfabetização do olhar”. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 88-106, 2013. DOI: 10.5902/2236499410774. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/10774>. Acesso em: 29 set. 2025.

MORAES, A. C. R. de. **Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

PIRES, M. M.; CAVALCANTI, L. S. A imagem e seus aportes ao desenvolvimento do pensamento e das funções mentais no ensino de geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, p. 381-403, 2020. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/749/431>. Acesso em: 29 set. 2025.

RODRIGUES, R. C. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Revista Inf.**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/bxHqRptRFCB8k9vNFJmnhnG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2025.

ROSS, J. L. S. **Geomorfologia: ambiente e planejamento**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo. razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1991.

SILVA, H. C. da. *et al.* Cautela ao usar imagens em aulas de ciências. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 12, n. 2, p. 219-233, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/yRhcCRpJmBZkMRcVX9B5qXm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2025.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

### Sobre as autoras e o autor

**Tamiris Batista Diniz:** Doutora e Mestre em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui licenciatura e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).

*E-mail:* tamirisbdiniz@hotmail.com

**Guilherme Preto Guimarães:** Doutor em Geografia pelo PPGEU-UERJ. Professor Adjunto do Departamento de Geografia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ (FEBF-UERJ).

*E-mail:* preto.profgeo.uerj@gmail.com

**Ana Luísa Lima Silvestre da Silva:** Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel em Geografia pela UFRJ.

*E-mail:* analu.lima09@gmail.com

Recebido em: 28 de outubro de 2025

Aprovado em: 06 de janeiro de 2026